

VOZ & ENERGIA EM
HARMONIA COM A NATUREZA



FLOWWWW

FELIPE VACCARI

 *fingerprints*

ÍNDICE

CLIQUE NOS ATOS PARA NAVEGAR

ATO 1

A MEDICINA DA TERRA DOS PAJÉS

03

ATO 2

UMA BUSCA MATERIAL

36

ATO 3

A MANIFESTAÇÃO DO SONHO

57

ATO 4

UMA VIVÊNCIA COMPLETA NA AMAZÔNIA

90

Para uma experiência mais imersiva sente-se em um lugar confortável, coloque seu fones de ouvido e ouça a playlist Yawanawá no Spotify.

ATO · 1



A MEDICINA DA
TERRA DOS PAJÉS



DESCONSTRUÇÃO

Em meio a busca por uma vida com sentido, nos deparamos com momentos e escolhas que abruptamente podem colocar em cheque tudo o que entendemos como certo e errado, como bem e mal, e uma série de dualidades que compõem a nossa existência.

Afinal, qual ser humano, dentro de suas próprias limitações, pode falar de maneira conclusiva e verdadeira o que é certo e errado?



Toda construção é precedida por um projeto, preparação e muitas vezes por uma desconstrução. Na construção do novo eu, o velho eu precisa passar por um processo gradual de desassimilação do que entendemos como realidade.

Se este processo de desassimilação ocorresse de maneira abrupta, em um curto período de tempo, nossa mente consciente entraria em colapso, a realidade que entendemos e as novas realidades que se abrem com o autoconhecimento e desenvolvimento, precisam ocorrer de acordo com nossa capacidade de assimilação.

A busca primitiva e instintiva por alimentos, água e abrigo se expande nos dias atuais para uma busca mais complexa, onde uma série de recursos materiais que não eram comuns ou necessários há algumas centenas ou milhares de anos atrás, entram em cena.





Nossos antepassados levavam vidas relativamente simples, mesmo que com perigos e necessidades aparentemente muito mais reais e presentes do que hoje, o necessário para viver era relativamente mais simples. A vida era sobrevivência, não havia tanto espaço para o questionamento em relação à realidade quando a prioridade era comer, beber, morar e atender aos instintos de sobrevivência e reprodução.

Tendo em vista esses dois contextos citados, um abstrato (sentido da existência humana) e outro completamente concreto (recursos para existência humana) e seu entrelaçamento em nossa vida, o ponto de partida dessa jornada é a busca pela identidade e propósito contidos na máxima: “Quem sou eu?”

Uma busca abstrata entrelaçada a um caminho de busca material que vai além de quando nossas necessidades instintivas são supridas. Ou seja, depois que temos recursos suficientes para não sentir mais medo em relação a manutenção da nossa vida e sobrevivência, o que vem depois?

Uma busca sincera sempre resulta em uma jornada, um caminho a ser trilhado, seja um caminho interior voltado ao autoconhecimento e consciência de si e/ou uma busca exterior, voltada para identificação no mundo externo de algo que nos permita ajustar a nossa rota interna e dar sentido a essa caminhada que chamamos de vida.

O que movimenta o mundo, o ser humano e a existência não são e nunca foram as respostas, mas sim as perguntas. As perguntas e o ardente desejo de obter luz sobre nossa origem e nosso futuro.

* O QUE ESTÁ GUARDADO PARA NÓS COMO HUMANOS?

* O QUE VEM DEPOIS DOS INSTINTOS?

* O QUE VEM DEPOIS DA SOBREVIVÊNCIA?





PRIMEIRO CONTATO

Com o espírito e a mente repletos por essas perguntas, principalmente pela máxima “Quem sou eu? ”, o universo me conduz para a oportunidade de uma viagem única, a experiência de conhecer uma aldeia indígena nativo brasileira, em meio ao coração da Floresta Amazônica, com um grupo de amigos em uma viagem de autoconhecimento e descoberta. O evento que possibilitou essa viagem foi

a comemoração, aberta a alguns grupos, do aniversário de uma das principais lideranças indígenas femininas no Brasil, Cacica Putanny, esposa do maior líder do povo Yawanawá, Cacique Nixiwaka, comemoração ocorrida em novembro de 2021.



Este evento ocorreu na lendária Aldeia Sagrada, situada no extremo noroeste brasileiro, em meio a Floresta Amazônica e próxima à fronteira com o Peru, local do primeiro contato do povo Yawanawá com o homem branco, contato feito pelo avô materno do Cacique Nixiwaka, Ushunawá, conhecido em português como Antônio Luiz.



Deste primeiro contato com o povo branco, conhecido pelos Yawanawá como “nawa”, uma série de fatos levaram ao afastamento extremo e radical, mas também à reaproximação, em contextos, tempos e cenários diferentes.

Em meados dos anos 80, a dominação dos povos indígenas brasileiros pelos grupos seringalistas e uma série de missionários protestantes extremistas norte-americanos, colocou em risco a continuidade de toda raiz cultural, espiritual e histórica do povo que primeiro abrigou e cuidou das terras brasileiras.

Com a chegada do homem branco, principalmente representado pelas duas figuras citadas, chegaram também o álcool, as drogas, a exploração física, moral e sexual, e uma série de comunidades indígenas foram devastadas por inteiro.

O nosso povo, os verdadeiros donos do Brasil, estavam sucumbindo ao pesado jugo de uma sociedade doente, sem ninguém que lutasse por eles e sem mesmo a consciência de que isso estava acontecendo por parte do povo brasileiro, nenhuma luz era posta sobre esta situação.

Situação que tinha como base financeira a extração da borracha nos seringais acreanos e a pretensa “educação” dos indígenas nativo brasileiros, integrando-os a cultura popular brasileira, impedindo-os de falar sua língua, utilizar seus nomes, praticar seus costumes, como se a sua cultura milenar estivesse errada e não pudesse mais ser vivida, pois pretensamente o “homem branco” possuía uma cultura superior àquela, que deveria ser seguida.



Em meados dos anos 90, um homem é levantado em meio ao povo Yawanawá e em favor deste povo, com a consciência de ver sua cultura e sua origem sendo destruídos, Biraci Brasil, também conhecido como Cacique Nixiwaka, retorna para a floresta e expulsa os invasores de sua terra, se tornando responsável por um dos maiores movimentos de resgate cultural e de identidade da história do Brasil moderno, história essa pouco conhecida inclusive.

Sob liderança desse homem, nascido em 1964, não só o povo Yawanawá, mas os povos originários brasileiros puderam recuperar a sua identidade, o Cacique Nixiwaka dedicou sua vida pela luta em prol dos povos originários da Amazônia, movimento que segue fazendo até os dias de hoje.





VOLTANDO À VIAGEM E AO ANIVERSÁRIO...

A viagem que eu estava fazendo também se tratava de um resgate, mesmo sem eu sequer ter essa consciência antes de entrar na terra dos pajés. Naquele momento da minha vida, eu ainda não havia reconhecido de fato aquele vazio interior, eu realmente pensava que tinha todas as respostas e mal sabia que o que de fato eu tinha eram as maiores e mais verdadeiras perguntas sobre a minha existência.

Uma longa viagem que começou de carro, da Serra Gaúcha para Porto Alegre, onde iniciaria a longa jornada aérea até o extremo norte do Brasil.

Saindo de casa de madrugada, em torno das 02:00, lembro claramente de me olhar no espelho do elevador, com uma grande mochila de trekking pendurada nas minhas costas, cheia de equipamentos, botinas impermeáveis calçadas, jaqueta corta vento e boné. Aquele visual contrastava entre o estranho de quem está acostumado a se vestir de “empresário” e o ousado de quem se permite viver uma experiência como aquela. Dentro de mim se mesclavam a ansiedade e um sentimento de retorno ao lar.



Esse sentimento com a floresta, com a natureza em geral, ecoa dentro de mim desde as minhas primeiras lembranças, nascido e criado no interior do estado do Rio Grande do Sul, o contato íntimo com a natureza acompanhou toda minha infância e desenvolvimento.

Mas, voltando mais uma vez, a viagem... De Caxias do Sul fui para Porto Alegre, de carro. De Porto Alegre (RS) para Brasília (DF), de Brasília para Rio Branco (AC) e de Rio Branco para Cruzeiro do Sul (AC), última parada de avião.

Essa primeira parte da viagem parecia interminável, atravessar o Brasil, saindo do extremo sul com o extremo noroeste do Brasil como destino final, muito próximo à fronteira com o Peru, realmente não é tarefa fácil, uma longa e cansativa viagem.

Chegando em Cruzeiro do Sul, no estado do Acre, pegamos uma van que nos levou ao hotel, onde passaríamos a noite antes da jornada ao coração da floresta que nos aguardava.



Para alguém que mora em uma das regiões mais frias do Brasil, o clima tropical da Floresta Amazônica e a incidência solar do Acre, surpreendem e despertam instintos e sensações até então desconhecidas. Estar lá, é diferente de tudo que eu já havia experimentado fisicamente, nosso corpo começa a se adequar instintivamente, mudando a forma como percebemos o mundo ao nosso redor.

Nosso ser instintivo traz consigo uma incrível sensação de liberdade e aventura, além de uma descarga cerebral intensa de estímulos e substâncias, nos colocando em um estágio de percepção diferenciado, tanto interna quanto externamente.

Quando o nosso corpo funciona de maneira diferente, em um cenário diferente e sob estímulos diferentes, nossa mente também é alterada. A máxima de que o corpo responde a mente, pode ser observada e vivida de maneira inversa também, a mente pode responder ao corpo de forma tão intensa quanto o inverso.

Acordamos cedo e pegamos a van que nos levaria até o município de São Vicente, mais precisamente até a ponte do Rio Gregório, caminho fluvial que nos conduz até às aldeias Yawanawá.



A partir desse ponto, a informação que eu tinha é que seriam mais dez horas de barco para chegar na Aldeia Sagrada, onde durante cerca de uma semana ocorreriam as comemorações e vivências do aniversário da Cacica Putanny.

O barco de aço leve, com cerca de oito metros de comprimento por mais ou menos um metro de largura, cortava as águas rasas do assoreado Rio Gregório.

Durante a viagem, pouco confortável e bastante longa, o processo de introspecção e auto avaliação se intensificava, em meio a gigantescas árvores amazônicas, o olfato me levava a sentir o aroma característico da floresta tropical e minha audição se guiava pelo belo canto dos pássaros coloridos que acompanhavam nossa jornada, presenteando meus sentidos a cada metro navegado rio acima.

O barco é conduzido por um barqueiro experiente, que através de uma haste e uma hélice acoplada em sua ponta, ponta que se estende atrás de um motor, guia o barco entre os obstáculos, buscando as águas mais profundas para navegar com segurança.



Esta pequena hélice costuma quebrar devido à baixa altura do rio, principalmente nos períodos com menor índice de chuva, e também devido aos inúmeros galhos e troncos presentes no fundo do rio, alguns totalmente submersos e outros mostrando sua imponência e deixando claro o quanto aquele rio assoreado pode ser forte em períodos de cheia.

Na terceira quebra estávamos sem uma hélice reserva, cerca de uma hora parados em meio a floresta, na margem do rio somos socorridos por um barco de apoio que vinha atrás de nós, justamente com a função de dar suporte em casos como este.

Mais algumas horas cortando as águas do Gregório e começamos a nos deparar com as primeiras aldeias Yawanawá, nativos com semblantes característicos, porém de uma simpatia e pureza legítimas e nada forçadas.



Pouco mais de dez horas de barco, chegamos na Aldeia Sagrada Yawanawá, a aldeia do primeiro contato, a terra dos pajés, onde um lindo cemitério abriga as reminiscências de sua matéria e principalmente a essência de sua longínqua espiritualidade.

Quando chegamos, logo fomos recebidos pelo Cacique Nixiwaka e direcionados a cabana onde ficaríamos, conhecida tradicionalmente como “shuhu”.

Este shuhu é uma cabana com estrutura de madeira e teto de palha, dentro desta cabana nas suas vigas de madeira são penduradas as redes (com mosquitoireiro) onde dormimos, até aquele momento eu nunca havia dormido em uma rede e me surpreendi com a experiência, no começo é estranho e até um pouco desconfortável, mas com o passar dos dias é como dormir no colo da floresta.

Depois da chegada e organização inicial, comecei a me dar conta de onde eu de fato estava, completamente isolado, sem qualquer contato (telefone ou internet) e a dez horas de distância do primeiro vestígio de civilização, pelo menos a civilização que meu entendimento alcançava até aquele momento.

Quando nos vemos em situações como essa, é inevitável voltarmos nosso olhar para nós mesmos. As distrações do mun-



somem, a vida no piloto automático é interrompida, precisamos começar a viver e a nos observar, este movimento é natural e não precisa ser forçado por nenhum tipo de prática ou vivência, ele é o resultado óbvio da situação a que estamos expostos.





O INÍCIO DO MERGULHO

A introspecção e ampliação de consciência se elevou para um nível ao qual eu jamais havia acessado anteriormente, em meio a natureza (criação), o contato com Deus (Criador) é amplificado de uma forma inexplicável, nossos sentidos ficam aguçados e nossa mente funciona em outra frequência, em uma frequência criativa contínua.

Este mergulho em mim mesmo me fez ver Deus em mim e as suas diversas formas de se manifestar interna e externamente, pelas suas criaturas e criação, independente de religião, credo, cultura, a manifestação era de Deus na sua essência mais pura, por meio de sua criação, inteligência e fluxos que a regem e organizam.

Meu pensamento lógico e criativo, nutrido por muitos anos trabalhando com engenharia industrial e energias, se expandiu de uma forma única, os padrões da natureza, ciclos, geometria... tudo fazia sentido e se conectava como um só, diversos instrumentos criando a sinfonia de uma mesma orquestra, organizando e criando o todo.

Me observar e me entender, em paralelo com o todo ao meu redor, me fez entrar em um novo estágio de compreensão antes mesmo de qualquer vivência que eu teria dentro daquele período na

floresta em imersão na cultura milenar Yawanawá.

Se tratava da floresta, da energia, de me permitir viver aquilo que eu estava vivendo sem nenhum tipo de expectativa pré-concebida e modulada em alguma crença, simplesmente existindo naquele tempo e naquele espaço, desfrutando de cada momento, cada conexão, cada palavra, cada sentimento, de tudo o que acontecia dentro e fora de mim.





MUKA INI SHAHU

Durante a tarde, antes da primeira cerimônia Yawanawá que iríamos participar, eu estava caminhando pela aldeia em direção a uma torneira para encher minha garrafa de água, quando levanto os olhos, me deparo com a filha do Cacique Nixiwaka, Mukashahu, brincando com a sua linda sobrinha, Muka Ini Shahu, uma menina com cerca de três ou quatro anos de idade, ambas se divertiam em uma espécie de trapiche de madeira.

Aqueles movimentos de alegria em sintonia com a natureza me hipnotizaram por completo, me senti compelido a ir brincar com a Muka Ini Shahu. Com todo respeito de um “forasteiro” comecei a brincar com ela, com as borboletas, folhas e todos recursos que a natureza possibilitava ao nosso redor.

Meu coração foi preenchido de uma paz que excedia de fato todo e qualquer entendimento, foi um momento mágico de conexão comigo, com aquela menina e com a natureza, tudo em perfeita harmonia.



Brincando e olhando para a Muka Ini Shahu, eu não podia deixar de pensar nas minhas filhas, a Valentina que na época tinha 10 anos e a Vitória que ainda estava na barriga da minha esposa. Pensando sobre o futuro da Muka Ini, refleti sobre como ela poderia ter acesso a uma vida com melhores condições, vivendo imersa em sua linda cultura e espiritualidade, mas com a possibilidade de fazer suas próprias escolhas, de trilhar seus próprios caminhos, vivendo e não só sobrevivendo em meio a um ambiente hostil como o da floresta.



Durante a noite tivemos a primeira cerimônia da vivência, nessa cerimônia conduzida pela potente e angelical voz das mulheres Yawanawá, ancorada pela firmeza dos guerreiros e anciãos que guardam as rezas dos antigos, eu tive uma visão, uma visão que mudaria todo trajeto da minha carreira profissional, empresa e por que não dizer, da minha vida.

Cerca de um mês antes dessa viagem eu abri a minha segunda empresa, com intuito de fabricar equipamentos e soluções a partir dos produtos que eu já importava e distribuía nacionalmente, otimizando a operação e trabalhando com um novo estímulo dentro de uma mesma base de clientes, adicionando um braço de industrialização a minha primeira empresa.



O nome dessa segunda empresa é Engiture, nome derivado das palavras “engineering” e “nature” e o seu logo é uma folha, símbolo que eu desenho pelos meus cadernos desde que me lembro de usar lápis e caneta. Na época o nome simplesmente apareceu para mim, não foi um estudo planejado e nem tinha um plano super complexo por trás daquela escolha, foi simplesmente algo que apareceu, eu aceitei e aconteceu, de forma orgânica e natural.

Após essa breve contextualização de cenário, considerando a Muka Ini Shahu e a minha nova empresa, vamos voltar para minha visão...





SAMAÚMA

Na minha visão, uma gigantesca samaúma se levantava em minha frente, medindo com certeza mais de cem metros de altura, e essa grande árvore estava rodeada por um aspecto de tecnologia que mesclava branco pérola a tons translúcidos multicoloridos, como se ambos elementos fossem um só corpo. Eu muito pequeno ao lado das grandes raízes, observava extasiado aquele ser imponente conjugando natureza e tecnologia de uma forma que nenhuma representação artística poderá um dia conceber.

Uma voz ecoa dentro de mim e eu compreendo no mesmo momento que natureza e tecnologia, engenharia e natureza, não são coisas distintas, mas sim dois pilares fundamentais de um único todo, pilares do desenvolvimento humano.

E esses dois pilares só podem se manter e desenvolver se compreendidos e vivenciados como um só elemento, de maneira unificada, sem separação entre ambos.

A partir dessa visão e desse entendimento, eu pude compreender minha identidade, propósito e diversos porquês que estavam em aberto, porquês estes que estavam me fazendo sentir aquele vazio existencial que eu expus no início da história.



Com essa percepção, achei que minha busca estava concluída, mal eu sabia que era apenas o primeiro passo da jornada mais intensa e longa que eu viveria na minha vida.

Após a cerimônia eu não conseguia pegar no sono, aquele estado de flow criativo se mantinha vivo em mim e um fluxo de informação contínuo não cessava em minha mente, como um rio que corre sem parar, varrendo suas margens após uma grande chuva.

Naquele momento eu não só entendi o meu porque pessoal, mas o porquê da Engiture e seu papel no desenvolvimento humano, no meu próprio desenvolvimento primeiramente e no de todos aqueles a quem nossos projetos e ideias puderem tocar, não se tratava de equipamentos sustentáveis de alta tecnologia, se tratava de desenvolvimento humano, se tratava de pessoas, se tratava de mim e se tratava do outro, independente de quem ele fosse.



Eu sentia como se uma série de crenças e limitações internas em relação ao meu poder criativo e executivo estivessem sendo varridas de dentro de mim, naquele momento eu já estava percebendo gradualmente que eu não voltaria para casa sem me desconstruir e iniciar minha reconstrução antes.





AS PEÇAS SE ENCAIXAM

Pouco antes de ir para a floresta eu fechei um grande projeto com uma empresa multinacional do setor de energia renovável, eu projetei e fabricaria os equipamentos que fariam o controle térmico e de lubrificação de geradores de energia renovável alimentados por biogás, neste caso o biogás era proveniente do lixo, em grandes aterros.

Neste processo, o gás do lixo é captado, direcionado por grandes dutos, filtrado e após a seu aproveitamento e queima, grandes motores geram energia elétrica.

Os gases provenientes desta combustão representam potencial nocivo muito menor do que o gás expelido diretamente pela matéria orgânica que não passa por este processo, ou seja, um projeto com impacto ambiental extremamente positivo.

Como este projeto coincidiu com a fundação da Engiture, na época eu entendi que meu propósito final estava ali e estava alcançado, soluções para controle de sistemas renováveis.



Eu nem imaginava que aquilo era só a ponta do iceberg e estava prestes a receber um presente de Deus, do universo, um presente que até hoje me faz pensar em como eu fui merecedor de tanto.





COMPLEXO ENERGÉTICO YAWA 01 – A VISÃO

Como um forte impulso elétrico, uma força afasta meu espírito do meu corpo, me vejo sentado à minha frente e começo a subir, passo a ver a Aldeia Sagrada de cima, coberta do mais puro e sagrado esplendor espiritual e energético, formada pela mais perfeita conjunção geométrica.

Em meio a essa perspectiva geométrica, sinto a presença de alguém se aproximando, esse alguém diz que vai me mostrar algo. Minha visão novamente se expande, pequenos e grandes blocos translúcidos começam a se montar, como um lego, uns com os outros e compõem um equipamento, um sistema, mais precisamente uma usina de geração energética com muita tecnologia e com o símbolo da minha empresa em sua lateral, a folha.

Desse contato nasce o projeto “Complexo Energético YAWA 01”, levando no nome a homenagem do mensageiro que me entregou o projeto, Yawarani. Até aquele momento eu nunca havia trabalhado com aquele tipo de projeto, toda concepção foi recebida, me foi entregue como um presente, não partindo de mim mesmo, da minha inteligência, ou de recursos e capacidade limitada de compreensão, mas partindo do espírito e me sendo revelado.



O que é possível para o homem, não mostra Deus. Deus se revela no impossível ao homem, Ele se revela para aqueles que possuem os olhos do coração para vê-lo.



Quando eu tive essa visão eu não tinha a compreensão para executar o projeto da forma como ele estava se mostrando, como eu disse, nunca havia trabalhado com geração de energia elétrica até aquele momento, meu ramo era de energia térmica (aquecimento e refrigeração industrial mais precisamente), além disso, eu não possuía os recursos financeiros disponíveis para alocar na construção de uma usina de energia renovável em meio a Floresta Amazônica, nem as pessoas para transpor as barreiras da matéria e trazer aquele projeto a realidade.

O tamanho do sonho e da visão era tão grande quanto o tamanho da impossibilidade que eu sentia em sua execução, mas na certeza de que aquilo era muito maior do que eu, do que a minha capacidade, eu não bloqueei aquela visão de nenhuma forma, simplesmente me entreguei ao fluxo do que acontecia e me permiti ver o que me era mostrado.





SONHO OU LOUCURA?

A minha mente racional, por mais impactada que estivesse com a profundidade do que eu acabara de ver, começou a construir infinitas objeções de imediato, aquilo era um sonho ou simplesmente um devaneio? Loucura da minha cabeça?

Hoje eu penso nisso e reflito sobre o quanto nossos sonhos e realização não se tornam reais simplesmente por não acreditarmos em nós mesmos e principalmente na Força maior que rege todas as coisas e nos permite ver esses sonhos?

Você pode chamar de Deus, Allah, Olorum, Criador, Jah, Jeová ou designar esta Força Criadora e Governadora de qualquer outra forma, por qualquer conjunto de crenças ou de cultura, mas a essência dela é a mesma, e quando a voz que toca nosso coração e nosso espírito parte dessa essência, é impossível não reconhecer, você simplesmente saberá que é verdade.



O que de fato seria impossível para Aquele que tudo criou e governa desde antes da existência do tempo?



Não falo sobre um ser místico, barbudo e aparentemente vingativo... falo de uma força celestial, multidimensional, dona do tempo, passado, presente e futuro, do espírito, da matéria, do visível e do invisível, o início, o meio e o fim.

O que é impossível para essa força?

Qual barreira pode sobrepô-la?

Em nosso condicionamento humano, a barreira da dúvida e do medo podem impedir nossas realizações, a barreira protetiva e necessária do nosso Ego instintivo, que se nos domina, nos ancora pode em determinados contextos nos bloquear, mas quando o que vemos é muito maior do que nós mesmos, o que além da barreira do tempo pode nos separar do que deve ser realizado através de nós?



Deixei de lado toda religião, todo conjunto de crenças, tudo o que eu pretensamente sabia ou já tinha ouvido falar sobre Deus e sobre o espírito, apenas me permiti sentir a sua essência, sua essência mais simples, sem formas, somente o que é, a força Criadora.





E O SOL NASCE...

Com o nascer do sol o pensamento e a visão ainda não compartilhados com ninguém permanecem tão vivos dentro de mim quanto na noite anterior, aqueles blocos se montando, a folha, a energia. Como um vulcão prestes a entrar em erupção eu precisava dissipar a energia contida naquela visão, acumulada dentro de mim, eu pulsava em mim mesmo.

Pedi para conversar com o Cacique Nixiwaka, sentamos para conversar, eu me lembro do meu nervosismo, o suor vertia da minha testa, meu coração palpitava, uma descarga eletroquímica inundava meu cérebro de estímulos e no mais claro português, era como se meu coração fosse sair pela boca.

Contei ao Cacique Nixiwaka sobre a minha visão, ele ouvindo atenta e respeitosa-mente, até que eu concluo a história com uma frase mais ou menos assim:

“Eu não sei como e nem quando, mas eu te dou a minha palavra que este projeto vai acontecer.”

Apesar de feliz com o que eu acabara de narrar, claramente o homem que estava me ouvindo, já havia ouvido milhares de promessas similares aquelas, em momentos similares aqueles e essas mesmas promessas continuavam não cumpridas, ele não precisou me falar isso para que eu entendesse.



Porém, de forma muito educada o Cacique Nixiwaka acreditou em mim e me apoiou a seguir com este projeto.





ATO · 2



UMA BUSCA MATERIAL



VOLTANDO A REALIDADE

Voltando para casa, durante a viagem de barco, a ficha sobre o compromisso que eu havia acabado de assumir comigo mesmo, começava a cair.

Um sentimento de ansiedade e de certa incapacidade se mesclavam ao sonho e ao sentimento de esperança contido nele.

A base que eu me mantinha naquele momento era a certeza de que se aquela visão não fosse para mim, se aquele sonho não fosse meu e se fosse de fato impossível, eu não o teria visto de forma tão clara e consciente.

De volta ao meu escritório lembro que demorei cerca de dez dias para conseguir reconectar com a minha vida, ou o que eu até então conhecia como a minha vida, aquela viagem mudou peças dentro de mim, a forma como eu via a realidade não era a mesma do que antes de entrar nessa aventura para dentro de mim mesmo e da Floresta Amazônica.

Em casa, minha esposa grávida e minha filha me receberam, na empresa as centenas de compromissos acumulados pelo tempo desconectado vieram como uma avalanche, mas como eu disse, eu estava diferente.

A certeza de que o meu propósito não estava na pretensa segurança institucional, familiar e profissional que eu havia construído até aquele momento, Deus tinha muito mais para mim e ele havia me mostrado. O meu caminho iria mudar e eu sentia claramente que isso aconteceria, por mais que todas peças do xadrez da minha vida estivessem seguras e fixas em seus devidos lugares, tudo aquilo já não era suficiente, não estava preenchido mesmo vivendo a vida que eu sempre almejei, eu precisava ir além.

Aquele sentimento não tinha a ver com gratidão, eu era muito grato e feliz por tudo que havia construído, pelas pessoas que me amavam e estavam comigo e por mim mesmo. Aquele sentimento tinha a ver com o próximo degrau, quando as demandas são supridas e paramos de correr contra o vento. O que vem depois?

Nestas primeiras noites em casa, um sonho me marcou muito, neste sonho eu tentava surfar com uma prancha de Kitesurf toda furada, com o auxílio de duas pessoas que faziam parte do meu ciclo profissional naquele momento, obviamente o resultado era o esperado, aquilo não funcionava.

Subindo uma montanha eu vejo outras pessoas, novas pessoas, vestidos com trajes de Wingsuit, em um branco muito bonito, similar a um branco pérola que eu havia visto na visão do projeto, eles me convidavam para voar com eles, com o traje certo, no local certo, com as pessoas certas e nisso eu me acordava.

Assim que eu acordei, entendi exatamente o que aquele sonho significava, estava na hora de movimentar as peças do tabuleiro e entrar em ação, no cenário existente o projeto não poderia acontecer, novas pessoas e novos cenários precisariam se conectar e eu faria essa conexão, o meu papel não era criar nada, o projeto já havia sido criado, eu me vi como a peça de conexão que faria as ligações para trazer a realidade aquela visão.

Entrei em contato com um velho conhecido e hoje grande amigo, engenheiro elétrico que trabalha com energia renovável, Tiago, contei para ele tudo o que havia acontecido e o convidei para participar deste desafio ou desta loucura junto comigo, para minha surpresa, ele topou de imediato, sem receber nenhum centavo para isso!

De dezembro a fevereiro trabalhamos intensamente no projeto, em toda parte técnica que envolvia aquele sistema, a geração, distribuição, controle, armazenamento, logística e tudo que envolve um projeto tão complexo em meio a floresta. Chegou o mês de março e eu senti que era o momento de retornar a floresta, agora com um sólido e robusto projeto técnico e logístico em mãos, o qual passou por infinitas revisões nos meses subsequentes.





PROJETO E MATERIAIS

Lá vamos nós de novo, apresentar o projeto ao Cacique Nixiwaka, fazer levantamentos, revisões técnicas e além disso, levar um presente muito especial para as crianças da Aldeia Sagrada.

Eu me conecto facilmente com crianças, em seus pequenos olhos posso ver esperança, ver o futuro e principalmente, posso ver Deus. Não foi à toa que todo esse projeto nasceu de uma conexão com uma criança.



Levei comigo nesta segunda viagem 60 conjuntos de material escolar para as crianças da Aldeia Sagrada, além de material para escrita, pintura e desenho, uma consultoria nos auxiliou com a curadoria de livros base de português e matemática do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, atendendo a idade média das crianças da Aldeia Sagrada.

Materiais entregues, revisões técnicas feitas, estava na hora de falar novamente com o cacique e reapresentar o projeto para ele, agora de forma mais sólida, com as plantas, imagens de satélite e descrição da solução que estava sendo proposta. Muito nervoso e ansioso, com alta sudorese e palpitação, me sentir daquele jeito era estranho, quem me conhece sabe que eu sou calmo e em minha rotina tenho reuniões frequentes com empresários, times de engenharia industrial, palestras e nada daquilo mexia tanto comigo quanto estar frente a frente com aquele sereno líder nativo brasileiro, em uma noite quente e estrelada, no meio da Amazônia.



Após a apresentação, como se narrada em um grande vale de montanhas ecoava a pergunta do cacique: “Felipe, o projeto está ótimo, mas quanto isso vai custar?”

De imediato as palavras para responder essa pergunta brotaram em meu coração e transbordaram pela minha boca... “Cacique, se eu ou o senhor pagarmos por este projeto, este vai ser o primeiro e último, precisamos criar um mecanismo para que o projeto possa ser replicável em outras aldeias Yawanawá e em outros povos também.”



Percebi certa surpresa na face tranquila do cacique, ele esperava um orçamento e não um desafio. Com seu característico sorriso e olhar sereno, ele assentiu com a cabeça e se resumiu em uma única frase curta: “Está bom Felipe.”

Esta frase foi suficiente para eu confirmar que a rota que eu havia escolhido estava correta, palavras bonitas e grandes discursos não são necessários quando o que está sendo discutido é muito maior do que meras palavras. Chega a noite, vamos participar de uma cerimônia junto com parentes da família do cacique do povo indígena Kulina. Como resultado desta noite, eu entenderia que o meu caminho seria longo e desafiador, mas no final tudo daria certo.

No retorno para casa, paramos na aldeia de uma grande amiga, pessoa pela qual conheci os Yawanawá e o grande amigo que era líder do grupo que me levou à floresta pela primeira e segunda vez, meu irmão, Cristiano.

No centro Mawa Yuxin, da Waxy, irmã da Cacica Putanny, Waxy, estávamos no alto de uma linda montanha, em meio a floresta, no horizonte aquele lindo tapete verde se estendia em todas direções.

Passamos a noite lá, chovia muito, em volume e também em intensidade. Começo a me dar conta na prática do quanto a vida pode ser difícil em meio a floresta, a caça, o alimento, a água, a energia... tudo precisa ser obtido em um ambiente hostil, não existem mercados, farmácias, redes elétricas e se você não se organizar, você paga por isso.

A sobrevivência instintiva muitas vezes vem e libera pensamentos, sentimentos e sensações pouco vivenciados em nossa rotina no “ocidente” como eles mesmos falam.

Viver nossa rotina robótica, no piloto automático, em nossas cidades de aço e concreto, com a nossa cara enfiada em uma tela, nos afasta da nossa essência real. Esse afastamento da natureza na verdade é um afastamento de Deus, é uma desconexão com o nosso próprio espírito, com a nossa essência.





O DESAFIO

Voltando para casa, meu desafio agora era outro, criar um mecanismo para viabilizar financeiramente o projeto e permitir sua aplicação, posteriormente sua replicação e ramificação em novas frentes.

Durante cerca de 4 meses, eu trabalhei de forma contínua nessa busca, estruturei o projeto de forma técnica e visual, apresentei este projeto em dezenas de reuniões, para o poder público, instituições de educação, organizações filantrópicas nacionais e globais, iniciativa privada, instituições financeiras e uma série de possíveis interessados no projeto, seja como branding para a marca deles, direcionamento de verba social, tributos e uma série de outros mecanismos conhecidos para execução de projetos sociais.

Gostaria de falar que me surpreendi com o resultado dessa busca, mas não... o óbvio aconteceu.

Várias pessoas amavam a ideia, adoravam ouvir toda história narrada, achavam muito legal o movimento que eu estava fazendo, mas na prática “não dispunham de verba para essa iniciativa”.

Se preferirem ouvir a verdade, aqui está: um projeto com esse nível de tecnologia em meio a Floresta Amazônica é de fato muito caro e na prática beneficia um número relativamente pequeno de pessoas.



Desta forma, a relativa baixa visibilidade do projeto, não desperta o interesse do investimento dessas pessoas e organizações, que vislumbram um retorno prático sobre o investimento, expondo o grande número de pessoas “impactadas”. Eu lembro que uma pergunta que me acompanhou por esse período era, quanto vale uma vida? Por que uma vida de alguém que decide viver de forma isolada aparentemente vale menos para o sistema?

Um sentimento de revolta e incapacidade tomou conta dos meus dias por um período, eu não sabia o que fazer e além de não saber o que fazer não entendia como as pessoas que têm o poder podem ter uma visão tão limitada da realidade, baseada apenas em números, sem nenhuma percepção ou sensibilidade humana.

Mais uma vez considerei desistir de tudo, me senti sozinho, será que aquilo tudo não era mesmo loucura da minha cabeça? Aquele sonho parecia grande e impossível demais, além da minha capacidade, ou pelo menos além do que eu acreditava ser minha capacidade naquele momento.

Nestes dias cinzas, estava em meu escritório e meu celular começou a vibrar, um número americano me ligava insistentemente, pensando que não era nada de útil, eu ignorei e não atendi. Algumas vezes nos dias seguintes, o mesmo número me liga e eu continuo ignorando. Abrindo meus e-mails naquela semana, vejo em minha caixa de entrada um e-mail remetido pelo governo dos Estados Unidos, mais precisamente pela divisão do governo responsável pela abertura e desenvolvimento de parcerias comerciais dentro de países em desenvolvimento, como o Brasil.



No e-mail estava um convite para desenvolver uma linha de produtos em parceria com uma empresa americana, nada a ver com o projeto, era um e-mail direcionado para minha outra empresa, ou melhor, aparentemente não tinha nada ver com o projeto.

Marcamos a reunião e eu conheci um brasileiro que trabalha para o governo americano e está alocado em Recife, tivemos uma grande sinergia logo de cara e eu comecei a contar para ele sobre o que eu estava fazendo na Amazônia e minha recente frustração com o financiamento do projeto.

Ouvindo a minha história ele se interessou e me disse que pessoas do networking dele com certeza se interessariam neste projeto, nesse momento um pequeno raio de esperança volta a despertar dentro de mim.

Ele me convidou para viajar para Chicago com ele, na maior feira de soluções industriais do mundo, a IMTS, que ocorreria dentro de algumas semanas.

Com o sentimento de que o universo estava movimentando as peças, segui o fluxo e decidi fazer as malas para Chicago.

No dia em que eu cheguei em Chicago fui dirigir pela cidade, estacionei próximo a “Michigan Avenue” e segui a pé, parei feito uma estátua em frente ao Trump International Hotel and Tower e aquela obra prima da engenharia me remeteu a geometria que eu havia me conectado meses atrás, no coração da Floresta Amazônica, blocos em sinergia.



Continuei andando pela rua e cheguei ao Millennium Park, um paraíso de engenharia aplicada em total ressonância com a natureza, em meio a uma legítima selva de concreto e aço. O pensamento ecoava dentro de mim novamente, a realidade entre tecnologia e natureza, a perfeita harmonia do seu desenvolvimento conjunto, a engenharia aplicada ao desenvolvimento sustentável, eu me senti “de volta ao jogo”.

No dia seguinte eu estive na feira, fiquei impressionado com sua estrutura e com a tecnologia que tive acesso nesta feira, é como entrar em uma realidade paralela, a reunião foi ótima, as conexões com pessoas e ideias foi estabelecida.

Tive acesso a pessoas que haviam executado projetos similares ao meu no continente africano e na Ásia, em locais remotos e regiões subdesenvolvidas. Fui conectado com pessoas chave dentro da estrutura de energia renovável na América Latina e me renovei interna e externamente em relação ao projeto.



Nada como ter a percepção ampliada pelas possibilidades presentes na tecnologia desenvolvida pela engenharia aplicada, aquilo sempre me fascinou e não seria diferente acessando aquela nova realidade.

Lembro de estar no meio da feira, parado e observando, em minha frente uma impressora 3D do tamanho de um caminhão fabricava uma casa com um tipo de polímero, esta casa não era nada mais nada menos do que um abrigo que seria enviado para a Lua, instalado em uma base lunar americana. Esse tipo de momento nos faz redefinir o conceito de impossível.





UM PULO EM MICHIGAN

Fiquei durante mais uma semana de férias nos Estados Unidos e certa noite eu estava deitado no quarto do hotel, abri meu celular no Google Maps para fazer um reconhecimento local e sabe-lá porque coloquei meu dedo sobre uma cidade do estado do Michigan chamada “Manistee”, cidade com pouco mais de 6.000 habitantes.

A foto de um lindo farol aparece e eu realmente adoro faróis, existe algo neles que desperta minha atenção, lindas histórias e, por que não dizer, o desenvolvimento humano estão intimamente ligados à faróis, a navegação, a descoberta, a conexão entre povos, culturas, as rotas comerciais da antiguidade... aquilo me fascinava.

Eu tive a (péssima) ideia de dirigir durante cerca de 7 horas no dia seguinte e ir até lá, ver esse farol e conhecer a costa do lago Michigan.

Acordei cedo, peguei algumas roupas, um expresso duplo no Starbucks e lá estava eu na estrada novamente.

A viagem seria longa e eu teria muito tempo para pensar e refletir, decidi colocar o áudio de um livro que eu estava lendo, mais precisamente do livro de Jó, livro que é parte do antigo testamento da Bíblia Sagrada.



Independentemente de ser Cristão, religioso ou mesmo de acreditar em Deus, se você nunca leu esse livro, eu realmente sugiro que você leia, é uma obra fascinante, uma história poética, repleta de mistérios, mas também de grandes lições práticas de vida, a garantia é de pérolas de sabedoria durante todos capítulos.



Em resumo, Jó era um cara muito rico e abençoado por Deus com uma vida plena e uma grande família, da noite para o dia Deus permite que ele perca tudo o que tem, seus filhos morrem e ele fica extremamente doente, mas não a ponto de morrer, com o seu corpo coberto por feridas, sentado sobre cinzas e usando cacos de vidro para se coçar. Além disso, seus “amigos” o acusam de estar passando por isso por ter pecado contra Deus, fato que ele não havia cometido, ou seja, ele passara por toda aquela provação sem nenhuma culpa de fato.

Muita coisa acontece no decorrer da história (spoiler) e no final Jó recupera não só sua vida, como muito mais do que antes de passar por tudo aquilo e ainda um relacionamento muito mais profundo com Deus.

Mas de tudo o que eu ouvi, de toda história, o que mais me marcou foi a percepção de que Jó viveu o processo de forma consistente. Para ilustrar isso, represento em uma frase que ele proferiu e está registrada no livro:

“Saí nu do ventre da minha mãe e nu partirei. O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor. ”

Em tudo isso Jó não pecou e não culpou a Deus de coisa alguma. Mesmo na mais completa adversidade, depois de viver o melhor da vida e ver tudo isso se esvaír como areia fina entre seus dedos, Jó não culpou Deus, o universo e nem outras pessoas. Ele aceitou a vontade maior e seguiu em frente.



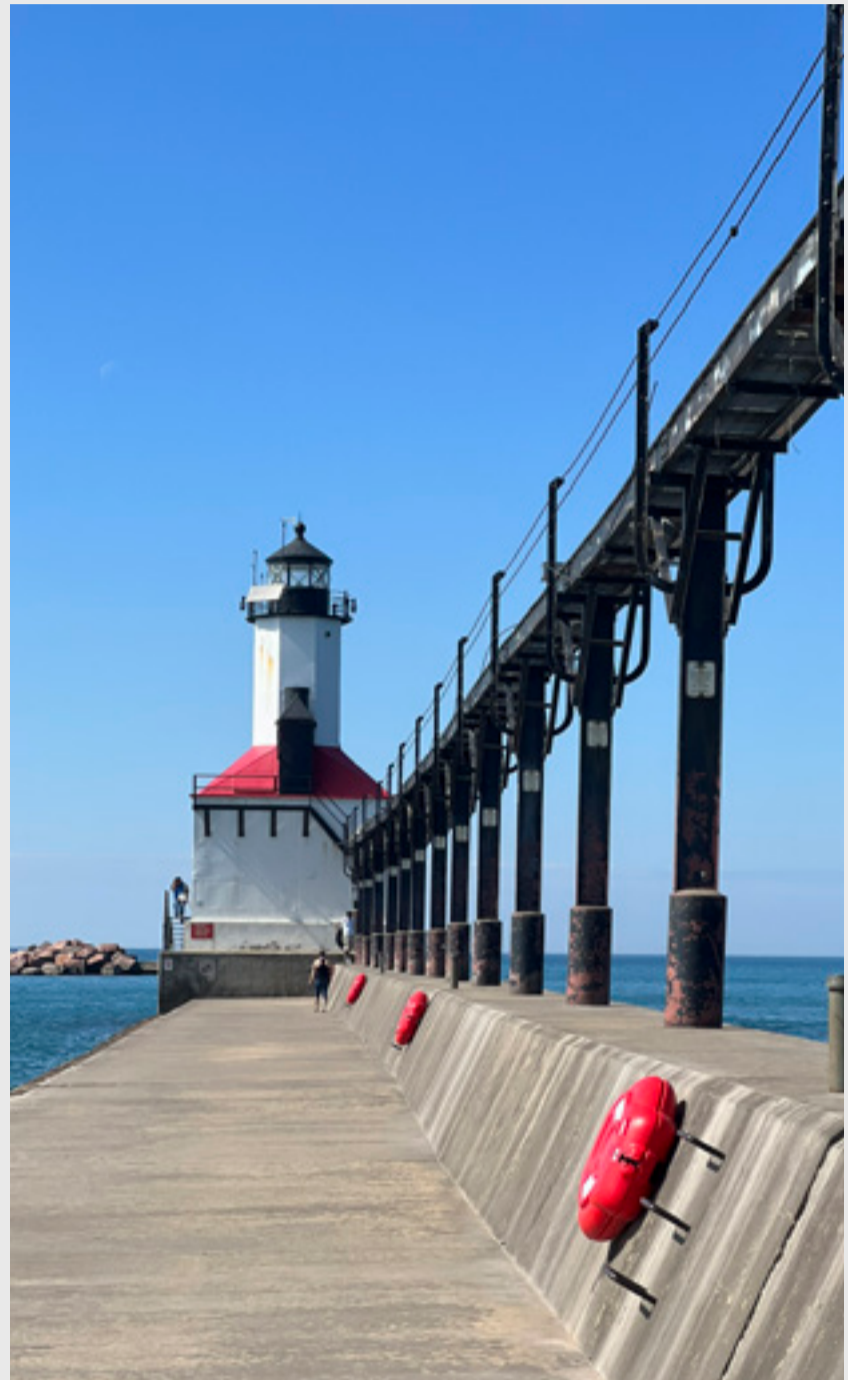
Aquilo foi como um tapa na cara para mim, minha consciência desperta novamente, voltando ao projeto eu percebi que precisava simplesmente viver o processo, desde o começo eu tinha consciência de que não seria fácil, o que precisava mudar era meu posicionamento interno em relação aquilo.

Não se tratava dos outros, das empresas, do governo, das instituições... se tratava de eu comigo mesmo e das barreiras internas que eu precisava superar.

Chegando no farol de Manistee, respirando fundo o ar costeiro vindo do lago Michigan, um cheiro de metal, água, areia... o sol forte e uma brisa gelada geravam contraste em mim... entro em um momento de inspiração, lágrimas correm copiosamente pelos meus olhos e vejo a dualidade em mim.

O eu empreendedor, consciente, criativo de frente com o eu fracassado, com medo, inferioridade e incapacidade... Quem eu escolho ser? Quem sou eu?

Mergulho em mim mesmo mais uma vez, guiado novamente por esta pergunta... “quem sou eu?” e como parte da resposta dessa pergunta, outras duas perguntas surgem em minha consciência, “de onde eu vim?” e “para onde eu vou?”





O VALOR DA IDENTIDADE

Passado, presente e futuro se encontram no infinito de quem somos, um acumulado de experiências, sentimentos e ideias, sobrevivendo a um mundo pouco amistoso, andando (muitas vezes sem direção) rumo ao infinito de nós mesmos.

Um sentimento de paz floresce em meu peito, entendo por que estou aqui e porque ouvi aquela história durante as últimas horas. Me identifico novamente com a minha essência mais pura, com meu passado e futuro e duas palavras vibram em mim, desenvolvimento sustentável.





DE VOLTA AO BRASIL!

Chegando ao Brasil comecei a me movimentar novamente em relação ao projeto, poucos dias após a minha chegada recebi um convite inesperado que mudaria tudo. A professora da minha filha mais velha me convidou para dar uma palestra em um evento que antecederia a feira de ciências da escola, com o objetivo de estimular o pensamento criativo dos alunos.

Eu jamais perderia a oportunidade de falar para minha filha e de me conectar com centenas de crianças, fiquei muito feliz e novamente percebi as peças do tabuleiro se movimentando independente da minha ação.

Chegou o grande dia, diagnosticado com TDAH desde a infância e longe de ser um aluno exemplar, jamais passou pela minha cabeça que um dia eu falaria sobre pensamento criativo, tecnologia e desenvolvimento sustentável em uma escola.

Eu estava feliz e ao mesmo tempo emocionado, afinal ali na primeira fila, minha filha me fitava com seus olhos castanhos orgulhosos.

As palavras fluíram de dentro de mim com naturalidade, como se estivéssemos entre amigos, óbvio que o tema central da palestra não podia deixar de ser o projeto na Amazônia, um projeto criativo com a mais alta tecnologia no coração da floresta.

Acabou a palestra, olhos extasiados, cheios de esperança, as crianças vibravam e me aplaudiam com vontade, aplausos de quem via o futuro junto comigo, um futuro de tecnologia, um futuro onde natureza e engenharia coabitavam, um futuro de união intercultural, um futuro sem barreiras de cor, credo, língua ou quaisquer que fossem, um futuro em unidade.





A ÚLTIMA PEÇA DO QUEBRA CABEÇA

Eu havia encaixado a última peça do quebra cabeça, sem esperar, imaginar ou planejar. Nos olhos cheios de esperança daquelas crianças eu tive a certeza do que deveria ser feito, o caminho ficou claro como a água. Naquele momento eu tomei a decisão que mudaria tudo, decidi que eu mesmo financiaria o projeto através da Engiture e que o que decorresse disso estava

de acordo com o que tinha que ser, me senti em completa paz, comigo, com o projeto e com Deus.

Os recursos que eu possuía através da minha empresa vieram da mesma fonte que me mostrou aquela visão, sem nenhum tipo de medo ou receio eu retornaria aqueles recursos a esta fonte e o que decorresse deste movimento, era o que deveria ser. A decisão trazia paz nela mesma, não restavam dúvidas.





ATD · 3



A
DO

MANIFESTAÇÃO
SONHO



HORA DE FAZER AS MALAS DE NOVO!

Com a decisão sobre o financiamento do projeto tomada, estava na hora de retornar a floresta para organizar de forma prática como as coisas aconteceriam e dar essa notícia ao Cacique Nixiwaka.



Porém nesse meio tempo aconteceu um fato importante, o Cacique Isku Kua, filho do Cacique Nixiwaka e liderança da maior aldeia Yawanawá, a aldeia Nova Esperança, estava inaugurando o centro de educação e cultura Isku Vakehuhu, um centro de resgate e manutenção da cultura Yawanawá em meio a Floresta Amazônica, na Aldeia Nova Esperança.

O Cacique Isku Kua teve a percepção de que dos cerca de 1300 Yawanawá apenas cerca de 30 pessoas compreendiam e falavam na sua língua nativa, sendo que desses 30 a maioria possuía mais do que 60 anos, andando para os estágios finais de sua vida, a percepção dele foi de que esta língua estava em risco eminente de extinção, e um povo sem língua, é um povo sem identidade.

Na aldeia Nova Esperança cerca de 150 crianças estudam a língua no Centro Isku Vakehuhu e eu me senti compelido em fazer minha parte por elas, pela educação delas, mas mais do que isso pelo resgate e manutenção da linda cultura do povo Yawanawá.



Montamos mais 160 kits de material escolar com mochilas impermeáveis para as crianças da aldeia e enviamos via aérea cerca de 10 dias antes de embarcarmos para a floresta, assim faríamos a entrega desses materiais pessoalmente. Para esta terceira viagem à floresta, levei junto comigo a equipe que produziria o documentário relacionado ao projeto.



Os voos para Cruzeiro do Sul estavam reduzidos e os materiais que eram para chegar em 4 dias, chegaram no mesmo voo que eu estava, lá vamos nós lidar com situações imprevistas novamente.



O ponto central desse atraso é que para chegar durante o dia na aldeia, eu precisava sair da ponte até no máximo às 07:00 da manhã e a filial da companhia aérea abriria apenas às 09:00. Ainda teria o tempo de lidar com toda documentação e retirada e eu já sabia que iria me atrasar e que isso era ruim, mas me negava a sair de lá sem os materiais das crianças.

Resumindo a história, embarcamos no barco por volta das 13:00, outro barco levava nossas bagagens e as caixas com os materiais escolares, além de servir como apoio em caso de necessidade ou emergência.

Lá estava eu novamente, cortando as águas do Rio Gregório, em meio a Floresta Amazônica... Essa viagem de barco foi muito diferente das outras, o sentimento de ansiedade e incerteza fora substituído por uma sensação de alinhamento comigo mesmo, com meu propósito, identidade... eu estava plenamente identificado com quem eu era e o que eu fazia a partir dessa consciência.



O tempo começa a fechar, a densa floresta esconde os últimos raios solares e cerca de quatro horas nos separam da aldeia Nova Esperança... uma pequena lanterna foca sua restrita luz nos troncos e galhos que se revelam à nossa frente, os sons da floresta se intensificam com o cair da noite, e claro, a vida sempre pode ser mais desafiadora.

Ouvimos e vimos os primeiros relâmpagos no céu, uma enorme tempestade estava se aproximando bem rápido.

Cerca de 15 minutos se passam e de uma leve chuva passamos a uma tempestade torrencial, em meio a floresta e a escuridão profunda de suas gigantes árvores, ouço a voz do barqueiro me dizendo com invejável calma: “Txai, vamos ter que parar”.

Dentro da minha pretensa ingenuidade pensei que iríamos parar por alguns minutos até que a chuva parasse e seguiríamos. Grande ilusão do forasteiro que não conhece a floresta. A chuva perduraria com alto volume e força durante toda a noite, sem trégua.



Em meio a floresta, sem bagagem, com pouca água e comida, em um espaço de cerca de um metro quadrado, totalmente molhados... assim passamos nossa primeira noite na floresta!

Esse foi um dos maiores presentes que eu pude receber em todo processo desse projeto, essa chuva lavou de mim todo pretensão orgulho que eu poderia sentir, aquilo tudo não se tratava de mim, era muito maior do que eu.

Em meio a vulnerabilidade a que eu estava exposto este fato ficou tão claro quanto os pingos de chuva que caíam sem cessar sobre o teto do pequeno barco que nos abrigava.

São 05:00 horas da manhã e o sol nos cumprimenta com seus primeiros raios de luz, cheiro de mata molhada, ar puro, pássaros cantando e esperança renovada, lá vamos nós de novo.





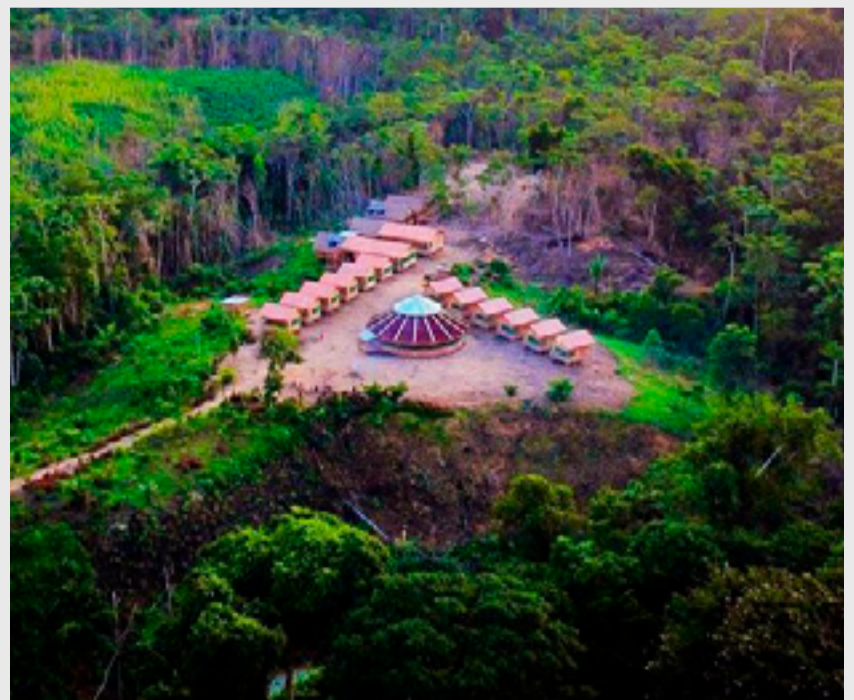
ALDEIA NOVA ESPERANÇA

Chegando na Aldeia Nova Esperança, fui recebido por um amigo que havia conhecido na minha última viagem à floresta, Raymundo.

Saímos andando e me deparo com uma grande aldeia, com uma estrutura muito maior e um número muito superior de habitantes do que a Aldeia Sagrada.

Aquilo me impactou, afinal a vida em meio a floresta não é fácil nem para um pequeno grupo, quanto menos para centenas de pessoas.

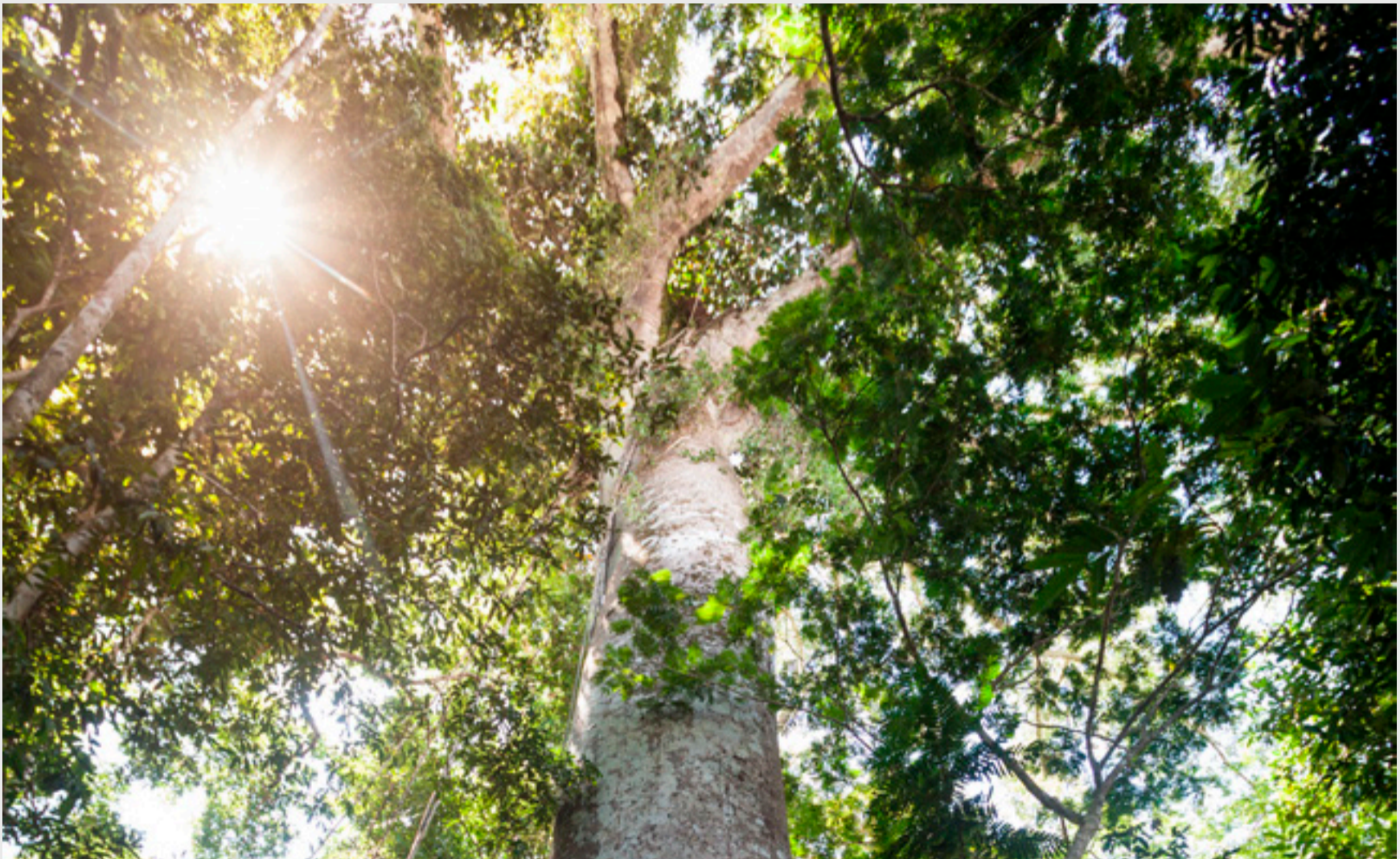
Andamos por cerca de vinte minutos, mata adentro, chegamos ao Centro Isku Vakehuhu, construído pelo Cacique Isku Kua em meio a floresta, no topo plano de um lindo morro alto. Fomos recebidos pelo Cacique Isku Kua, sua esposa Raquel, seus lindos filhos e por sua arara vermelha Lucie, que inclusive tomou café da manhã conosco.



Nós conversamos muito, nos conhecemos, falei com ele sobre o projeto e movimento que eu estava fazendo, ele me contou sobre seus projetos e movimentos, nos identificamos logo de cara e ali começou uma bela amizade.

Na tarde daquele mesmo dia, atravessamos um riacho e fomos até a sombra de uma imponente samaúma que nos abrigava do sol quente da floresta.

Sentamos e o Isku Kua começou a me contar que o seu povo tinha muito medo daquele lugar antigamente, pois passavam por lá e ouviam vozes de velhos conversando e crianças brincando, essas vozes ecoavam de dentro dessa samaúma segundo suas histórias.



Ele falou para me conectar com a samaúma, pedir algo e levar comigo um pedaço do seu verde musgo, logo levantei e fiz exatamente isso. Aquela era a árvore da minha visão, a samaúma, ela por si só já era extremamente especial para mim, era parte fundamental do meu sonho.

Depois desse momento de profunda conexão, me sentei em frente ao Isku Kua, ele me soprou tabaco feito e rezado por eles (rapé) e fez Vakush em mim, isso quer dizer que ele me rezou dentro das tradições Yawanawá.



Foi um momento muito especial, depois de uma noite difícil, um café da manhã acompanhado pela arara Lucie e aquele momento de conexão foi como uma brisa fresca para a minha mente e para o meu espírito. Durante a tarde, um senhor da aldeia estava fazendo sua festa de aniversário, educadamente o Isku Kua me convidou para comer e comemorar com eles.



Estar naquela comemoração em meio a floresta, compartilhando da alegria daquelas pessoas foi muito especial, o amor, o carinho, o respeito, a amizade não tem cor, classe social, nível intelectual, eles simplesmente são!

Fui descansar um pouco pois à noite teríamos uma cerimônia. Acordo com uma sensação de não saber direito aonde estou, ainda meio perdido depois de ter dormido profundamente. Olho para fora e vejo uma linda e estrelada noite me convidando para perto da fogueira, sento e sinto o ar puro e gelado da noite na floresta tocar minha face... só consigo ser grato por estar ali, vivendo esse sonho, me permitindo ser conduzido.

Depois de algum tempo, começo a ouvir uns gritos e vozes vindo do meio da floresta, me surpreendo com aquilo e abro os olhos para ver se mais alguém estava reagindo a esse fato, tudo parece normal, todos quietos e concentrados.

Fecho meus olhos, uma luz surge em minha frente e dessa luz aparecem andando em minha direção, homens, mulheres e crianças, sua pele tinha uma textura parecida com a casca de árvore, mas um aspecto energético e translúcido, delineado por uma forte luz verde e branca. A mensagem que me foi transmitida foi breve e objetiva “estamos ao seu lado”, mas naquele momento palavras não eram necessárias, pois dentro de mim aquela aliança havia se concretizado somente no olhar, a partir daquele momento, eu de fato passei a me sentir parte da floresta, de forma muito profunda e verdadeira.



As palavras do espírito não são como as palavras do homem, são cheias de sentido, significado, do poder da transformação interior. São palavras que não podem ser esquecidas, pois florescem de dentro para fora.





ENTREGA DE MATERIAIS E ENCONTRO COM CACIQUE NIXIWAKA

Vou deitar em minha cabana ao som dos insetos da floresta, orquestrados pelo grande Maestro da vida, me sinto inspirado e leve.

Amanhece o dia, e logo iria ocorrer a entrega dos conjuntos de material escolar para todas as crianças da aldeia Nova Esperança.

Uma inesperada surpresa, o Cacique Nixiwaka chega para visitar seu filho Isku Kua e me buscar para ir até a Aldeia Sagrada, a cerca de uma hora de barco subindo o Rio Gregório. A presença dele naquele momento o tornava ainda mais especial.

Enquanto as crianças chegavam, o Cacique Nixiwaka estava sentado na rede contando lindas histórias de sua vida, eu e o Isku Kua, sentados no chão ao seu lado, atentos para não perder nenhum detalhe, totalmente envolvidos e magnetizados por aquele líder indígena, que realmente viveu o que contava.

Chega o momento da entrega de materiais, olho para aquela centena de crianças em minha frente e um filme passa na minha tela mental, me paralisando durante alguns segundos que duraram uma eternidade.

Me vejo há 11 anos atrás, com 18 anos, uma filha de poucos meses no colo, uma empresa à beira da falência com uma dívida superior a dois milhões de reais, nem um centavo no bolso, sem nenhuma perspectiva...



No mesmo momento eu reconheço de forma profunda que tudo aquilo que eu estava vivendo não vinha de mim, somente pela força do meu braço nada daquilo seria possível, eu senti todo amor e favor de Deus na minha vida, todo cuidado em cada parte dela. Me sentia abençoado não somente pelo projeto de energia e educação que eu estava fazendo, mas por ter a oportunidade de me conectar verdadeiramente com aquelas pessoas, de coração para coração, de humano para humano, de espírito para espírito.

Era hora de ir, me despedi do meu agora irmão Isku Kua e segui junto com o Cacique Nixiwaka para a Aldeia Sagrada, estava chegando a hora de dar a notícia sobre o projeto!

Chegamos na Aldeia Sagrada e logo vi a menina responsável pelo despertar de tudo aquilo, Muka Ini Shahu, filha da Nawashahu, do Peu e neta do Cacique Nixiwaka e da Cacica Putanny.



A Muka Ini Shahu desperta meu melhor lado, meu lado pai, meu lado filho, criativo, sonhador, realizador... parece que ela tem o poder de me conectar a minha essência e transbordar isso, é incrível como encontros de almas movimentam nossa vida.





HORA DA NOTÍCIA

Até aquele momento ainda não havia dado a boa nova ao Cacique Nixiwaka, ele ainda não sabia que o projeto da usina de energia estava prestes a sair do papel e ser realizado!

Chamei ele para conversarmos e pedi que ele me levasse até o cemitério, local mais sagrado da Aldeia Sagrada e jardim espiritual dos pajés.

De maneira breve contei sobre todo movimento que eu havia feito, sobre a frustração, a viagem aos Estados Unidos e tudo que havia me levado de volta até ali, naquele momento. Finalmente concluí minha fala com a notícia de que em março, dentro de aproximadamente 100 dias, eu voltaria para Aldeia Sagrada com toda minha equipe e montaria a usina de energia renovável, como eu havia prometido a pouco mais de um ano atrás. E a grande inauguração seria no aniversário dele, no início de abril.

A primeira atitude do Cacique Nixiwaka foi levantar, se colocar de pé em frente ao túmulo do pajé Yawarani e agradecer em alta voz, na língua Yawanawá. Aquela cena era emocionante e completamente espiritual, outra percepção, a morte é a maior mentira já contada, a vida continua.

Quem me mostrou aquele projeto, me conectou a tudo que foi necessário para realizá-lo, me apoiou para andar quando parecia impossível, não foi um morto, foi um espírito vivo, um espírito de Deus.

Andamos juntos pela mata até a aldeia e mostrei para o Cacique Nixiwaka o local onde eu havia pensado em executar o projeto, um belo sol nos guiava com seus raios e tudo se encaixava como na minha primeira visão.

Pedi ao Cacique Nixiwaka para fazermos uma cerimônia à noite e selarmos no espírito aquele momento e nossa aliança. Assim foi, uma linda noite nos abençoou com as mais belas e profundas rezas e canções Yawanawá, invocando o favor e agradecendo a vida ao Criador, no coração da Floresta Amazônica.





HORA DE VOLTAR

Lá estava eu de novo, voltando da floresta, com o andamento do projeto definido e com todos alinhamentos feitos, agora estava na hora de focar e trabalhar, pois tinha que terminar a montagem do equipamento em no máximo 30 dias, devido a complexa logística de enviar 4 toneladas de aço e material sensível para o coração da Floresta Amazônica.

O mês de dezembro de 2022 foi de longe o mês em que eu mais trabalhei na minha vida, na primeira quinzena estive na Amazônia, logo no dia em que cheguei, estávamos em meio a implementação de um novo software de gestão da minha empresa (ERP), além disso a montagem da Power House (sistema de controle) do projeto estava acontecendo com todas validações e testes necessários.

Além desses pontos todos, na última semana do ano eu fui mestre de cerimônias do casamento da minha irmã Franchesca com seu marido Italiano, Gianmarco e no dia seguinte do casamento a celebração do meu aniversário de 29 anos, no dia 29 de dezembro, fecharia o ano com chave de ouro.



Apesar do stress, das poucas horas de sono e do nível absurdo de desgaste físico e emocional, o trabalho foi feito, tudo foi concluído no tempo e da forma que deveria ser, a percepção continuava, não era fácil, mas Ele estava comigo em cada passo.





QUATRO TONELADAS DE AÇO E TECNOLOGIA

Montar um sistema como o que fizemos na floresta não é nada fácil nem em uma cidade com todo suporte, pessoas e recursos, agora imagina comigo, montar esse sistema, desmontar tudo, fazer camadas de embalagem impermeabilizante e de proteção mecânica e enviar quatro toneladas de material sensível até o meio da Floresta Amazônica, isso é quase uma missão impossível.

Além do projeto de engenharia, todo um projeto logístico envolvendo dezenas de pessoas, empresas e estruturas teve que ser feito para tornar esse transporte seguro e possível.

Foram cento e cinquenta volumes de aço e caixas, dez pallets especiais com tamanho e proteção adequada e um peso total de quatro toneladas, sem contar o material de construção civil.

O material saiu de carreta dedicada da cidade de Caxias do Sul – RS diretamente para o município de São Vicente, há cerca de 500 metros da ponte que corta o Rio Gregório, montamos uma estrutura para recepção e armazenamento do material montada em uma fazenda.



Como eu contei no começo dessa história, o Rio Gregório é baixo e assoreado, lembra? Pois é, nós tivemos que montar um planejamento contando com o favor da mãe natureza para este transporte acontecer. A época do transporte foi cuidadosamente estudada e calculada, cada dia e movimento, para termos o maior índice possível de chuva e podermos transportar o material em barcos maiores e mais pesados, conhecidos como batelão.





O material permaneceu armazenado nesta fazenda em local seco e seguro, esperando o momento certo para o embarque até a aldeia.

O rio estava cheio, porém tínhamos ainda outro desafio, como descer uma ladeira de barro liso com peças de metal de 2 metros por 2 metros e mais de 200 quilos, carregando essas peças com as próprias mãos, sem a possibilidade do uso de empilhadeiras e equipamentos de carga?

Precisávamos de cerca de 48 horas de sol agora, não suficientes para baixar o nível do rio, mas suficientes para secar a terra deste barranco e permitir o carregamento dos barcos.

E foi exatamente o que aconteceu, mais um dia inteiro para carregar o material e lá foram os barcos sentido Aldeia Sagrada Yawanawá, mais três dias de viagem continua e o material estava lá, tudo pronto e armazenado para o projeto!





A ESPERA

Entre a chegada do material na Aldeia Sagrada e o início da execução do projeto foram cerca de 30 dias de espera, esse interminável período foi preenchido por muito planejamento, reuniões intermináveis, planos e ajustes constantes de rota.

Existe uma fala popular que diz que no Japão os engenheiros passam 70% do tempo planejando e 30% executando, já no Brasil o oposto é verdadeiro.

Com quase três décadas de experiência em projetos industriais através das empresas do grupo, seguimos o exemplo dos japoneses, dedicamos longos períodos ao planejamento, entendendo o tamanho do desafio que nos aguardava na Amazônia.

Qualquer material faltante, qualquer ferramenta, qualquer fato inesperado, poderia colocar tudo a perder. Estaríamos isolados, em meio a floresta, sem recursos e separados por no mínimo 24 horas de qualquer acesso a materiais, recursos e pessoas.

Nosso cronograma era apertado, não poderíamos ter falhas, o Tiago, engenheiro responsável pelo projeto, tinha viagem para os Estados Unidos logo após a volta para o Rio Grande do Sul, não existiria plano B, somente plano A.

Além do planejamento técnico e logístico de execução do projeto, que por si só já era extremamente complexo, nós estávamos produzindo um documentário em paralelo, com o objetivo de retratar aquela história, aquele povo, o conceito por trás do que estávamos fazendo.

Eram duas frentes completamente opostas e ao mesmo tempo em completa sinergia entre si, sendo ainda complementadas na equipe multidisciplinar pelo Grafiteiro e grande amigo Fábio Panone (Flop) que fazia uma oficina de arte com as crianças da aldeia, além de claro, trazer arte ao projeto de energia.

Aquele movimento era gigante, engenharia, natureza, pessoas, documentário, arte... eu já participei de projetos muito maiores em valores envolvidos, mas nunca tão complexos quanto aquele. Frentes tão destoantes entre elas, andando em completa sinergia para entregar um lindo trabalho, tão grande quanto a visão que eu tive pouco mais de um ano antes daquele momento.

A mesma Força condutora que me levou a andar até ali, a conectar as pessoas, iniciativas, recursos, possibilidades... seria a Força que faria tudo aquilo acontecer.





O INÍCIO DO FIM (OU DE UM NOVO INÍCIO?)

O grande momento chega, 20 de março de 2023, dia que marcaria para sempre na história da minha vida, e de todos envolvidos, a jornada de volta ao coração da Floresta Amazônica para construção da usina de energia, produção do documentário, projeto artístico com as crianças e a grande entrega de tudo isso em conjunto, como um único todo.



Há diversas noites sem conseguir dormir, a noite anterior a viagem não seria diferente, palpitações, ansiedade, pensamentos a milhão voavam de um lado para outro da minha mente, qualquer tentativa de respiração aprofundada ou meditação era frustrada, era como se o meu espírito pulsasse, ia além da mente, dos pensamentos, da ansiedade física... eu me sentia voltando para casa e queria muito estar lá, parte de mim já estava lá.

A equipe do documentário começa a chegar ao meu escritório, conversamos algumas amenidades, mostro a grande samaúma da minha visão grafitada na parede (pelo meu amigo e participante do projeto Flop), falamos sobre o movimento e o projeto.



Logo a equipe está completa, começam a captar alguns takes para o documentário e seguimos viagem para nosso primeiro destino, Porto Alegre, onde o primeiro avião nos levaria para Brasília.



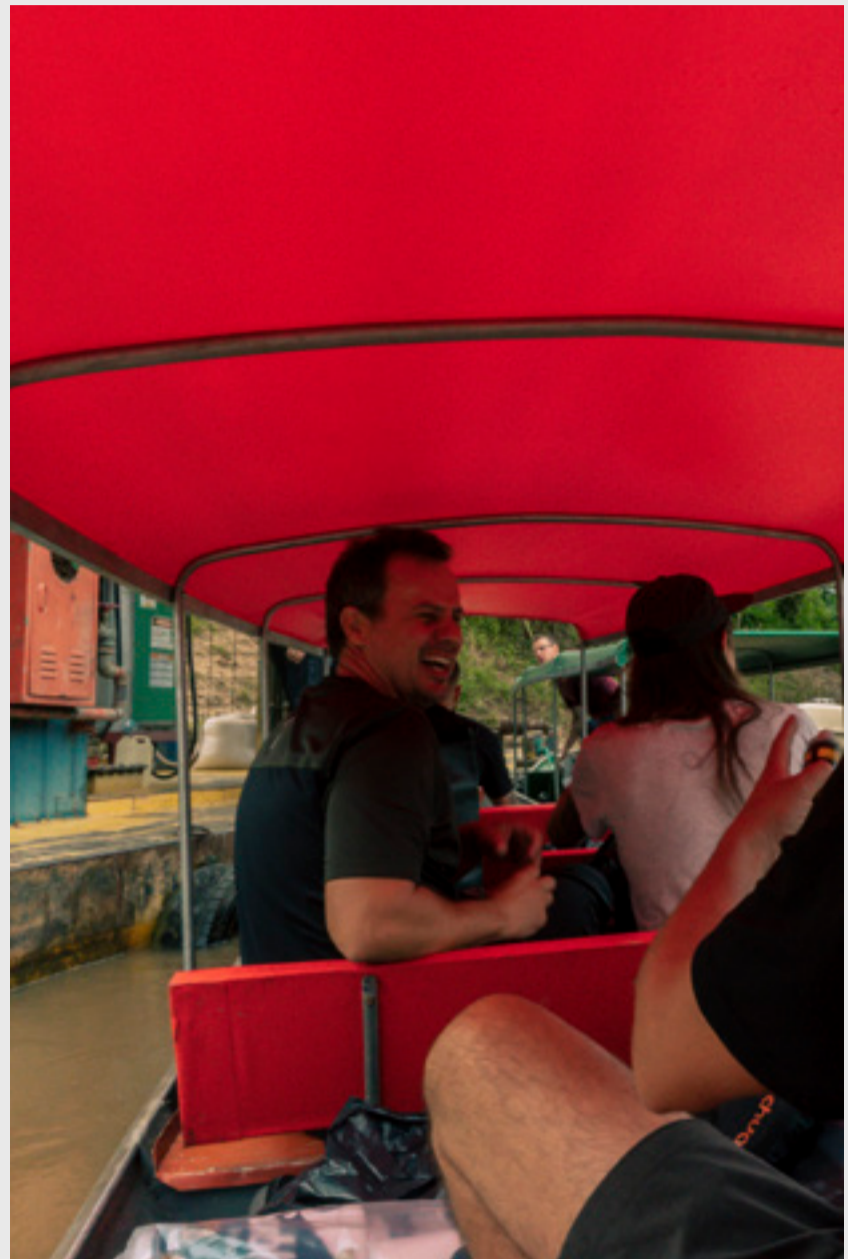
Entre brincadeiras, descontração, bom humor, histórias e uma conexão verdadeira, nossa viagem até o Acre vai se desenrolando, no desconforto dos voos comerciais disponíveis até esse destino, boas risadas garantem a leveza e de imediato mostram a direção a todos, a direção é esperança, alegria, é na convicção de que o melhor está por vir e o futuro é bom.

Chegamos em Cruzeiro do Sul, onde fomos recebidos por um grande amigo.

Fomos até o hotel, chegamos em torno da 01:00, comemos uns pedaços de pizza e fomos deitar, acordaríamos às 04:00 para irmos até a ponte e seguirmos rio acima até a Aldeia Sagrada Yawanawá.

A estrada esburacada não nos deixou dormir dentro da pick-up durante as quase 3 horas que ligam Cruzeiro do Sul à ponte de São Vicente, seguimos conversando e fazendo alinhamentos no que dizia respeito ao trabalho e às nossas expectativas e próximas ações, todos estavam em sinergia e alinhamento.

Lá estava eu de novo, sentado naquele mesmo barco, sentido fronteira Brasil-Peru, em plena imersão ao coração da floresta, minha casa, meu habitat, meu refúgio de liberdade onde eu podia sentir em plenitude meu espírito e quem eu era.



Cortando novamente as águas do assoreado Rio Gregório, subimos sem grandes surpresas durante quase 10 horas e lá estávamos nós, no solo sagrado dos pajés, na terra mãe, no grande berço do povo Yawanawá, a Aldeia Sagrada.

Muito sensível a todo processo, enquanto eu lia o livro “O que sobra” do Príncipe Harry, identificação com alguns pontos, lembrança de tudo que eu havia vivido no último ano, todos processos, todas objeções, tudo que havia emergido de dentro de mim, exposto à minha consciência, compreendido e curado. O quanto todo aquele processo havia feito por mim? O quanto eu ter me permitido viver esse sonho mudaria para sempre a minha percepção da realidade? E conseqüentemente mudaria a minha própria realidade.

Não era possível entender a realidade como antes, eu de fato não era mais o mesmo, todas as experiências que eu havia me permitido viver durante todo aquele processo, durante todo aquele ano, haviam me mudado por completo. Não existia orgulho, existia humildade de quem entende sua completa dependência. Eu não era dono e nem responsável por nada daquilo, mas eu era digno de ser o instrumento que romperia as barreiras da matéria e faria o espírito submergir neste mundo material.

Não se tratava de uma usina de energia renovável, de um documentário, de um projeto de arte e educação infantil, se tratava da materialização de parte do meu espírito, da materialização de quem eu sou, de Deus respondendo a minha pergunta, a pergunta com a qual essa busca iniciou a mais de um ano antes desse momento.





ESTAMOS NA ALDEIA SAGRADA!

Recebidos pelo Cacique Nixiwaka, tivemos uma breve conversa e sem mais delongas seguimos para o trabalho, além de ter muito o que fazer, não tínhamos arestas de tempo, o cronograma era realmente muito apertado.

O engenheiro responsável pelo projeto, Tiago, estava com viagem marcada para os Estados Unidos como eu mencionei anteriormente, a presença dele até a entrega do trabalho era fundamental, não tinha espaço para falhas, atrasos e nada que mudasse o cronograma.



Segundo nosso planejamento, no dia da chegada faríamos a separação de materiais e iniciariamos a montagem da Power House no dia seguinte, porém a obra civil que deveria estar finalizada, não havia sido concluída, se não começássemos a trabalhar de imediato na obra, seriam possivelmente dois dias de atraso.

E para completar, no momento da constatação dessa realidade, a mãe natureza nos presenteia com uma chuva torrencialmente amazônica, lavando nossa alma, expectativas e nos mostrando que naquele ambiente, um plano rígido não seria suficiente para alcançar o sucesso. Humildade, compreensão e flexibilidade precisariam fazer parte da equação daquele projeto, sem isso ele não romperia as barreiras da matéria e não se tornaria realidade.



Lá vamos nós, esquecendo o cansaço das intermináveis horas dentro do avião, carro e das 10 horas de barco, no mesmo dia em que chegamos, trabalhamos debaixo de chuva, com um número de mosquitos tão grande que ao abrir a boca para falar acabávamos comendo alguns, quando a chuva passava, o sol equatorial escaldante trazia consigo o alto índice de evaporação e aquela sensação de desmaio tomava conta de todos, exercendo alto esforço físico, comendo pouco, tomando pouca água, não é um ambiente para qualquer um.

As equipes de ribeirinhos que trabalhavam na aldeia e nos deram suporte com o projeto nas pessoas do Mauro e do Pitoco, foram não só de grande ajuda física, mas moral também, ver aqueles homens totalmente em unidade ao ambiente local, sem reclamar, sem pestanejar, somente fazendo o que tem que ser feito da melhor forma que pode ser feito, sem desvios, nem atalhos, preto no branco.



As montagens seguiram neste mesmo ritmo durante todo o tempo, de manhã cedo até a noite, dia após dia, a minha visão tomava forma, o espírito se materializava na minha frente e eu me entendia como criador daquela forma, com toda gratidão que se pode sentir por ser escolhido para esta missão e por ter sido conectado a uma equipe incrível que tornava aquilo possível.

A equipe técnica e de montagem representada principalmente nas pessoas do Tiago, Alexandre e Fábio, trabalhando sem cessar, de manhã cedo até a noite, nas condições mais adversas possíveis.



A equipe do documentário, nas pessoas do Andrei (direção), da Gabi (filmagem) e do Antônio (drone e fotografia) e o Fábio (grafitti) trabalharam incessantemente durante todo o período de montagem, se conectando aos locais, as crianças ao espaço tempo daquela maravilhosa comunidade físico espiritual chamada Aldeia Sagrada, imagens lindas, vivências lindas, sorrisos lindos, olhares lindos... momentos que nem mesmo o tempo e a distância poderão apagar.



Faltavam três dias para o encerramento do cronograma, com muito trabalho tínhamos conseguido recuperar o tempo perdido e tudo andava de acordo com o que tinha que ser, até que...

Nesta tarde, tivemos uma cerimônia, o Tiago não participou pois precisava parametrizar o sistema e estava trabalhando em configurações necessárias. No meio da cerimônia um sentimento forte de gratidão toma conta de mim em relação ao Tiago, pensando nele, trabalhando, se dedicando, se esforçando ao máximo pelo meu sonho, pelo nosso sonho. Decido ir até lá, na chuva mesmo, falar com ele e dar um abraço nele.

Palavras de verdade saem pela minha boca, os olhos transbordam com as mais sinceras lágrimas contidas no meu coração, a mais pura admiração acompanhada pela gratidão de quem andou comigo sem ver, de quem acreditou em mim, no meu sonho, na minha visão. No final da conversa ele solta um “Felipe, preciso falar contigo!”

Quem vai falar uma coisa boa, não fala que precisa falar com você, só fala o que tem que falar. Eu já sabia que lá vinha bomba e em estado expandido de consciência aquilo seria como um tsunami, ele logo me fala: “Os equipamentos de controle estão apontando um erro, já tentei tudo que era possível e estamos com 30% de geração de energia a menos, com uma parte do sistema desabilitado. Além disso, estão faltando 200 metros de um cabo extremamente específico que precisa estar aqui em 2 dias para podermos interligar todo sistema em paralelo como no projeto”.

Na mesma hora em que eu ouço essas palavras, a grande Força universal na sua infinita bondade e cuidado faz ecoar na minha mente as seguintes palavras: “não é sobre os obstáculos, é sobre nosso comportamento em relação a eles.”

Aquelas palavras me trazem a paz suficiente para dar um abraço no Tiago, falar que vamos resolver o problema, voltar para cerimônia, cantar e dançar até o final dela.

No dia seguinte eu acordo em torno das 04:00 da manhã, com sangue nos olhos e totalmente decidido a resolver o que deve ser resolvido.



A questão do cabo era complexa, o cabo era de um diâmetro superior, pouco usado naquela região devido a seu alto custo. Não estava disponível em nenhuma loja de Cruzeiro do Sul, precisaria ver em Rio Branco. De Rio Branco para a ponte de São Vicente são cerca de 15 horas, mais 10 horas de barco, estamos falando de 24 horas somente de deslocamento. Eu tinha 48 horas antes que o barco saísse com toda equipe.

Acreditem se quiserem, a única loja de Rio Branco (capital do Acre) que tinha o cabo que precisávamos, possuía exatamente a quantidade necessária. Compramos. O sobrinho do Cacique Nixiwaka, Charles, em uma corrida contra o tempo iria até a ponte, subiria no barco e buscaria o material para terminarmos a obra a tempo. Um dos problemas estava solucionado, para solucionar o outro eu já havia acionado toda minha equipe do Rio Grande do Sul, passado um resumo do problema que estava ocorrendo e estávamos em bando, como os Yawanawá, buscando a solução para o problema.

Eis que, com a minha internet precária e muita força de vontade, consigo contato com a pessoa certa na hora certa, ele identifica o problema, eu repasso ao Tiago e eram cerca de 10:00 da manhã quando todos os problemas estavam solucionados e sabíamos que tudo daria certo e aquela voz ressoa como brisa em minha mente de novo, “não é sobre os obstáculos, é sobre nosso comportamento em relação a eles.”



Depois da tempestade, acordamos cedo no dia em que o barco da equipe sairia, eram 06:00 e o Tiago que sairia às 07:00 ainda estava trabalhando, tudo havia dado certo, projeto entregue, obra concluída, energia sendo gerada, controlada, armazenada e distribuída acima da expectativa do projeto.





SUCESSO TOTAL!

E agora? Depois daquela montanha russa de emoções, qual era o próximo passo? O que cabia a mim naquele momento?

Passei uma série de instruções para as pessoas e o acompanhamento do projeto começou, mas decido me retirar por uns dias, eu precisava me conectar com o espírito novamente, precisava encerrar o projeto dentro de mim. Tudo o que aconteceu tinha mexido muito comigo internamente, aquela montanha russa de emoções e experiências precisava ser acomodada dentro de mim.





ATO · 4



UMA VIVÊNCIA COMPLETA
NA AMAZÔNIA



A CAÇADA

Para iniciar este processo, me convido para ir caçar junto com um grande amigo, Tuikuru, filho do Cacique da Aldeia Mutum Yawanawá, Cacique Matsini.

No seu olhar desconfiado em me levar junto para uma caçada noturna em meio a Floresta Amazônica, vejo também na mão que se estende, me ajudando a entrar no barco, a materialização da união entre os diferentes. Diferentes externamente, iguais internamente. Irmão em espírito, irmãos em Deus.



Era final de tarde, o Sol se punha no encerramento de uma linda tarde na floresta, seguimos por cerca de 4 horas rio acima sentido fronteira com o Peru, passando por (MUITAS) árvores caídas em meio ao assoreado Rio Gregório, precisávamos descer do barco, entrar no rio, passar o barco manualmente por cima dos troncos ou cortar as árvores utilizando facões antes de iniciar a caçada, aquilo tudo já era uma grande aventura.

Eu me via em meio a floresta, coberto por picadas de insetos, molhado, sujo, com sede, meus pés cortados, cara pintada com jenipapo. O quanto a minha “realidade” era distante daquele momento? Daquele contexto? O meu anseio por liberdade fazia todo aquele contexto aparentemente difícil me abraçar como um sopro de esperança.

Chegamos a uma pequena encosta de areia onde esperaríamos a Lua baixar para descer o rio, com o motor desligado, durante a madrugada, seguindo com a caçada que alimentaria a aldeia nos próximos dias.

Tuikuru chega perto de mim e com toda calma de quem está completamente em ressonância com aquele ambiente me fala: “Txai, olha lá do outro lado do rio, um jacaré”. Me alcançando a faca que estava em suas mãos, ele me diz para ir até lá e caçar aquele jacaré.

Eu olho incrédulo para ele, meu olhar expunha exatamente o que eu sentia: “Você acha realmente que eu vou entrar em um rio, de noite, no meio da floresta, somente com uma faca e ir atrás de um jacaré? ”

Sim, era exatamente o que ele achava.

Quando chego na metade do caminho eu penso “Que merda eu estou fazendo aqui? ” Aquele pensamento me paralisa, passam alguns segundos que parecem horas, sinto a mão do meu irmão Tuikuru batendo em minhas costas e falando “Bora Txai, eu estou contigo, vamos”.

Naquelas simples palavras eu não sinto apenas o apoio superficial de alguém que está habituado àquela situação, sinto a presença de um irmão andando ao meu lado.

Chegamos perto do jacaré e com um golpe forte logo atrás da cabeça, eis minha primeira caça na floresta. Aquilo não se tratava de matar um animal por diversão, se tratava de alimento. Se tratava de honrar um ser, utilizando-o para alimentar outros. Se tratava de eu comigo mesmo, de coragem, de andar, de fé, de amizade ou melhor, de irmandade.

Passamos a madrugada caçando, chego no dia seguinte com os primeiros raios de sol, totalmente molhado, sujo, com frio, com sono, mas internamente, eu me sentia ainda mais parte do bando, parte da floresta, livre.





MAIS DO QUE UM DESENHO

Alguns meses antes da execução do projeto eu decidi fazer uma tatuagem para marcar em mim eternamente todo aquele movimento, tudo o que eu havia vivido. Faria o fechamento da minha perna, abaixo do joelho.

Buscando referências, claro, a samaúma não poderia faltar, a onça certamente não faltaria também, símbolo igualmente importante deste projeto e para completar, a figura humana Yawanawá, exposta por um nativo rezando, um pajé.

Na busca pela imagem referência deste pajé Yawanawá, me deparei com aquela que senti ser a que deveria ser, é difícil explicar, mas foi como uma confirmação interna, quando eu vi a fotografia tive certeza de que deveria ser aquela.



Aquele rezador se tratava do pai do Tuikuru, Cacique da Aldeia Mutum Yawanawá, Cacique Matsini. Na época em que eu vi a foto, eu não sabia quem ele era, apenas decidi fazer.



Seguindo a caçada e meu período de descanso antes do aniversário do Cacique Nixiwaka e inauguração oficial do projeto, decido ir durante três dias até a Aldeia Mutum, junto com meu irmão Tuikuru e sua esposa Ykashahu, filha do Cacique Nixiwaka.

Chegamos na aldeia, fomos recebidos pelo Cacique Matsini, comemos carne de cervo, trabalhamos durante a tarde separando lenha para a fogueira que traria luz e calor para cerimônia que ocorreria na mesma noite.

Chega o momento da cerimônia, sinto todo acolhimento, o carinho, o respeito e por que não dizer, todo amor que vinha de espírito para espírito, ali eu estava na minha casa espiritual.

Eu não havia reconhecido o quanto eu estava precisando ser cuidado e amparado até aquele momento, eu tinha vivido muitas coisas, estava na hora de me recostar na cadeira e de receber todo cuidado em meu espírito.

Foi exatamente o que eu recebi naquela terra sagrada, o fruto do trabalho dos pajés, o fruto do lindo e disciplinado canto das filhas do Cacique Matsini, junto com sua irmã Hushahu, lindas vozes que trazem não só cantos, mas a magia do espírito da floresta.

No segundo dia tivemos outra cerimônia, no lendário Shuhu onde o pajé Tatá passava seus ensinamentos a seus alunos, pequena estrutura de madeira com telhado de palha e chão de terra batida.

Uma linda noite de histórias, aprendizados e canções, noite essa encerrada com um presente muito especial.

Tuikuru, sua esposa e minha amiga Ykashahu me chamam para fora do shuhu, entre muitas coisas que conversamos, o que ficava claro era nosso carinho e respeito mútuo, nós nos tratávamos como irmãos, de verdade, sem barreiras, sem mentiras, sem máscaras, apenas sendo nós mesmos.



Tuikuru diz que tem um presente para mim, ele retira de sua cabeça um lindo cocar com penas brancas e em seu centro penas grandes vermelhas de arara, era muito mais do que um simples cocar, era um cocar dele. Um cocar que ele havia utilizado em inúmeras cerimônias e trabalhos, em seus estudos e dietas, um companheiro de inúmeros momentos da sua própria vida, eu sabia o quanto aquele cocar era sagrado para ele, lágrimas não poderiam deixar de correr em minha face recebendo aquele sinal de respeito e carinho materializado em um lindo cocar.

Palavras de gratidão transbordam meu coração e encerramos aquela noite com um abraço e um elo especial que nunca mais seria rompido, Tuikuru e Ykashahu eram minha família e eu era parte da família deles, o espírito havia nos unido e a verdade que transbordava daquele momento tocava o mais profundo canto da minha alma.

Na noite seguinte, durante a cerimônia de despedida daquele local sagrado onde fui curado, cuidado e amado, o cocar em minha cabeça, vibrava junto com as mais lindas canções que enchiam aquele espaço sagrado. A sensação de paz, de acolhimento, de dever cumprido, de paz comigo mesmo e com quem eu era. Estava pronto para voltar à Aldeia Sagrada e encerrar o projeto.





RETORNO PARA ALDEIA SAGRADA

Depois de três dias, voltei para a Aldeia Sagrada, onde segui o acompanhamento do projeto dia a dia, com testes de energia e validações do equipamento.

Ligávamos e desligávamos diversos equipamentos, em cenários diferentes, horários diferentes, definimos padrões, regras e uma série de condutas que seriam adotadas, estava tudo alinhado de maneira leve e dentro da rotina.



A recepção do sistema e do novo conceito existente foi muito boa por parte das pessoas da Aldeia Sagrada, eles tinham o entendimento e a educação muito superior a maioria das pessoas que eu conhecia em meus outros projetos na indústria e cidade, tudo aquilo fluía pois eles reconheciam o valor e a importância daquilo, seu comportamento era impecável, postura de reconhecimento e gratidão em relação ao projeto.

Nos dias que se sucederam aqueles momentos, o grupo do meu amigo Cristiano chegou para a comemoração de aniversário do Cacique Nixiwaka, junto com outros grupos do Brasil e do exterior, somando 16 diferentes nacionalidades presentes nas festividades. Eu me integrei a eles e logo participei de todas vivências do aniversário, independente do projeto.

Mantive o acompanhamento técnico constante durante os dias seguintes, mas seguindo o fluxo das pessoas e das vivências, eu não era ninguém a parte daquilo, era mais um, vivenciando o espírito.



Eu vivi momentos incríveis na Aldeia Sagrada, momentos que eu nunca vou esquecer, momentos que nunca serão apagados do meu espírito. Não se trata de um projeto, se trata de pessoas, se trata do espírito, se trata de liberdade. Deus havia me respondido à pergunta “Quem sou eu?” Da forma mais profunda que somente Ele poderia ter feito, não somente me dando uma resposta, mas me fazendo um convite a uma nova experiência, a uma nova forma de viver, de ver o mundo e de materializar meu espírito em ações como aquela.





CONCLUÍMOS ALGUMAS COISAS

Entre as infinitas conclusões e aprendizados deste quase um ano e meio vivendo este projeto, uma das que mais me marcou é que quem sou eu, não se trata de mim.

A resposta para esta pergunta nunca se tratou de mim mesmo, eu nunca fui o fim em mim mesmo, a resposta nunca esteve em mim ou no que eu pretensamente acreditava ser real, ser a realidade.

Eu sou o mundo, eu sou as pessoas, eu sou o espírito, eu sou a matéria, eu sou a natureza, eu sou a tecnologia. Eu me identifico com o todo, o todo é Deus, nós somos Deus.

Tudo e todos possuem a sua realidade, identidade e individualidade, mas ao mesmo tempo, tudo está interligado e tudo é o todo.

Neste grande jogo que chamamos de vida, as sucessivas experiências que são vividas, se somam, multiplicam e formam nossa realidade.

Nossa realidade, nossas escolhas, nossos caminhos. A realidade não é o que imaginamos, é o que formamos a partir de nossos passos.



Se eu pudesse compartilhar um aprendizado em relação a todo este relato, a toda esta história que eu vivi e que ninguém me contou, este aprendizado seria: não se prenda a falsa e pretensa realidade que você acredita sintetizar toda existência, independentemente de estar em uma situação aparentemente confortável, o maravilhoso de Deus e da vida se esconde na busca, no problema, na chuva, no machucado, no esforço, na decepção, em caminhar. Não se trilha um caminho sem dar os passos. Não se vive sem ação. A fé sem obras é morta, a vida sem a busca pela liberdade é como colocar um pássaro em uma gaiola, um crime contra nosso próprio espírito. Viva, pague o preço, sinta, corrija, siga. O erro e a queda fazem parte da existência de todos nós, não precisamos ter medo ou sentir culpa, eles nos dão a oportunidade de viver experiências ainda mais incríveis, de aprofundar ainda mais a consciência sobre nós mesmos e o universo que nos abriga nesta existência.

Viva!





FINGERPRINTS, O PRÓXIMO PASSO

Durante pouco mais de um ano vivendo intensamente este projeto, em conversa com uma grande amiga que mora em Portugal chamada Fernanda, ela me diz que me viu em uma terra de arranha céus, com a palavra fingerprints (digitais em inglês) sendo destacada, apesar de não entender no momento, aquela visão a meu respeito me toca profundamente.

Dirigindo pelas avenidas de Chicago, olho para o horizonte, vejo aqueles arranha céus em meio a percepções daquela viagem, lembro do que a Fernanda me disse meses antes, lembro das fingerprints, digitais, que conectadas estavam formando aquele projeto, aquela nova realidade, construída pela união de pessoas acreditando em um sonho comum.

No contexto de sustentabilidade, as carbon footprints são as pegadas de carbono que deixamos na terra com nossas ações, ou seja, uma métrica de impacto ambiental.

Somos a
mudança
que o *mundo*
precisa

O conceito de fingerprints para nós é exatamente o contrário, não se trata de reatividade. Se trata de ação. Guiadas pelo nosso espírito, pela nossa mente, as nossas mãos e as nossas digitais são capazes de reescrever a história, de criar, de escrever novas histórias.

Fingerprints não é uma ONG, muito menos uma estrutura social. Fingerprints é uma ideia, um bando. Um braço da Engiture que pretende trazer desenvolvimento sustentável aos povos originários do Brasil e a todos aqueles que pudermos alcançar, em especial aqueles que guardam a cultura, o espírito, a raiz ancestral dos que vieram antes de nós e estão guiando nossos passos por essa incrível jornada chamada vida.

O plural da palavra fingerprints expõe em si mesmo o poder da pluralidade interpessoal na execução de ações. A força do bando. Yawanawá significa o povo da queixada, queixada é uma espécie de porco selvagem, porco que anda em bando, sobrevive em bando.

